

DIÁRIO DE PESQUISA CIENTÍFICA



REVISTA SAMAYONGA

ISSN: 0504 - 0035

EDIÇÃO: 2023-003

ÁREAS

1

CIÊNCIAS TÉCNICAS

2

CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

3

CIÊNCIAS MÉDICAS

ISSN 0504-0035



9 770504 003142



MWANA PWO EDITORA







REVISTA SAMAYONGA

DIÁRIO DE PESQUISA CIENTÍFICA

FICHA TÉCNICA

Editor Chefe

Dr. JORGE RUFINO

(Universidade Agostinho Neto, Universidade Jean Piaget de Angola)

Conselho editorial

Presidente – Dr. C Francisca Manuela Martins Wille

(Universidade Jean Piaget de Angola)

Dr. C Vicente Eugenio León Hernández

(Universidade de Pinar del Rio)

Dr. C Albano Ferreira

(Universidade Katyavala Bwila)

Dr. C Filomena de Jesus Francisco Correia Filho Sacomboio

(Instituto Superior para as Tecnologias da Informação e Comunicação)

Dr. C Klaus- Dieter Gerhard Wille

Dr. C Ivan Machado

(Universidade de Santa Clara)

Revisão

Msc. Imaculada Esperança Lourenço Domingos

(Universidade Jean Piaget de Angola)

Equipe Técnica

Elias Clemente Gongá

Eng. Flávio Geremias Miguel Clemente

Fernando Kubuanguêça Feliciano

Paginação & Designer

Vanilson Cristóvão

**Revista técnico-científica Samayonga [recurso eletrônico].
Nº. 03 (DEZ. 2023). - Luanda.**

Periodo: Semestral

ISSN 0504-0035

1. Ciências Técnicas. 2. Ciência da Educação. 3. Ciências Médicas



REVISTA SAMAYONGA

DIÁRIO DE PESQUISA CIENTÍFICA







BEM VINDO A REVISTA SAMAYONGA

Estimado colegas

A revista Samayonga que agora sai a segunda edição no mercado angolano académico e científico, vai continuar a preencher as grandes lacunas, que as produções e publicações se denominam.

A revista Samayonga vai continuar a ter como objectivo principal a divulgação de trabalhar com:

- Trabalho de fim do curso de licenciatura
- Trabalhos relacionados a pedagogia, sociologia e outros fins
- Investigação de projectos científicos e académicos das áreas da engenharia, medicina e pedagogia

ARICS conta com um corpo editorial de 12 membros, todos com bastantes experiências de mais 20 anos em educação superior na investigação em publicações em revista internacionais. As contribuições enviadas são submetidas a revisão a pares interna e externas e se garante a sua imparcialidade mediante a dupla cega. Os nossos corpos de árbitros fazem parte de uma rede de professores angolanos do ensino superior que podem recomendar com base na norma de revisão.

Neste quesito recomendamos que o envio dos trabalhos deve ser realizado por nosso e-mail: secretariageral@ciap-samayonga.co.ao assim como as normas devem ser consultada nas nossas páginas web: www.ciap-samayonga.co.ao

Esperamos que esta revista continue a poder preencher o grande vazio que Angola ainda tem no Ranking do mundo da ciência e da academia.

Luanda, aos 21 de Dezembro de 2023

O editor Chefe

Drº. Jorge Rufino



SUMÁRIO

04 EDITORIAL

09 ARTIGOS

11 GESTÃO DA QUALIDADE NO CONTEXTO EDUCATIVO DO HUAMBO



ARTIGOS

GESTÃO DA QUALIDADE NO CONTEXTO EDUCATIVO DO HUAMBO

¹Agostinho Cristóvão Diogo | ²Pedro Satumbo Martinho

RESUMO

OA gestão da qualidade educativa nos vários subsistemas de ensino no Huambo tem vindo a assumir-se uma dimensão importante, enquanto indicador de prestação de contas e factor de regulação e desenvolvimento organizacional. O tipo de pesquisa do presente estudo é de abordagem qualitativa e quanto os procedimentos técnicos é de natureza bibliográfica. Assim, os órgãos de gestão dos variados subsistemas de ensino, confrontados com as exigências de qualidade e de credibilização social, sujeitam-se à melhoria da qualidade educativa. Com este texto pretende-se analisar e compreender

a relevância, a pertinência da gestão da qualidade educativa, nos mais variados domínios do contexto educacional, com destaque a comunicação, a gestão mecânica e a orgânica. As ferramentas da Gestão é um dos indicadores da qualidade e mostram-se adequadas para se chegar a excelência, o Projecto Político Pedagógico e os instrumentos de auto-avaliação são importantes meios para melhorar a motivação e a qualidade dos serviços educacionais. O grande desafio é construí-los democraticamente, envolvendo todo o grupo que actua directamente no processo educativo da instituição.

Palavras-Chave: Gestão, comunicação, avaliação e indicador.

ABSTRACT

The management of educational quality in the various education subsystems in Huambo has assumed an important dimension, as an indicator of accountability and a factor of regulation and organizational development. The type of research in the present study is of a qualitative approach and the technical procedures are of a bibliographical nature. Thus, the management bodies of the various

education subsystems, confronted with the demands of quality and social credibility, are subject to the improvement of educational quality. This text intends to analyze and understand the relevance, the pertinence of educational quality management, in the most varied domains of the educational context, with emphasis on communication, mechanical and organic management. Management tools are one of the quality indicators

¹ Agostinho Cristóvão Diogo, Mestre Ciências de Educação, Licenciado em Ensino de Matemática, ISCED-Huambo-Angola. Especialização em Estatística Aplicada à Ciências da Saúde, Universidade Agostinho Neto-UAN, doutorando em Matemática Aplicada e Modelação-UAB-Portugal. Professor do Instituto Superior Politécnico da Caála/Huambo-Angola. Email: cristovaodiogo2017@gmail.com.

² Pedro Satumbo Martinho, graduado em Pedagogia pelo Instituto Superior de Educação de Huambo Angola, Mestre em Didáctica de Ensino Superior pela universidade wladimir ilche Lenin -Cuba , doutor em Pedagogia na Universidade de Lastuna-Cuba, professor do instituto superior Politécnico da Caála/Huambo -Angola, email: satumbo2016@gmail.com.

and are adequate to achieve excellence. The Pedagogical Political Project and self-assessment instruments are important means of improving motivation and the quality of educational services. The great challenge is to build them democratically,

involving the whole group that acts directly in the educational process of the institution.

Keywords: Management, communication, evaluation and indicator.

INTRODUÇÃO

A educação como prática social que ocorre em diferentes espaços e momentos da produção da vida social, deve ter por objectivo a formação integral dos sujeitos. No que tange aos termos da Qualidade da Educação.

As instituições educativas em Angola estão a ser confrontadas actualmente com o imperativo da qualidade que é a dimensão que lhes permite conquistar a confiança e a credibilidade educativa. A qualidade constitui uma referência norteadora da gestão educativa em qualquer subsistema de ensino, condicionando a dinâmica das instituições no sentido de se ajustarem a padrões nacionais e internacionais, estes referenciais teóricos e práticos que se procura ajustar em busca do melhor serviço na administração e gestão educativa bem compreendida, definida, e operacionalizada, converte a gestão num mecanismo de produção de resultados favoráveis, em detrimento da configuração de processos e da qualificação dos actores numa lógica de desenvolvimento sustentado. Neste contexto devemos colocar em evidência a comunicação em acção permanente, como veículo de transformação de mudanças.

Entretanto, na predominância da literatura específica, observamos dois tipos de estrutura de gestão: a Mecânica e

a Orgânica; quanto a estrutura mecânica, apresenta-se de forma normativa, definida, e pode-se prever as circunstâncias do seu acesso, e as pessoas se comportam de modo determinado; pode-se seguir a regra; uma vez concebida, pode-se seguir um tempo muito longo, dois, três, quatro ou cinco anos sem ser questionada. Entretanto, o outro modelo de estrutura de gestão é a Orgânica; obviamente, este modelo é influenciado pelo próprio organismo e centra-se para a gestão da instituição como um organismo.

Em adequação à realidade, uma decisão tomada de manhã, em determinadas circunstâncias, se houver uma mudança que justifique o contexto, a tarde tem que se mudar de posição, para que se adapte a realidade; exemplo, um estudante trabalhador, apercebe-se que sexta-feira viaja em missão de serviço, e, portanto, ele deve fazer um exame na sua instituição escolar; solicita-o no período oposto em que está matriculado; mas numa Instituição em que o sistema é mecânico, lhe é negada a solicitação; dizendo-lhe que tu estudas no período da tarde, só deves fazer a prova de tarde; e se não puderes, deves fazê-lo no recurso. Deste modo, esta atitude representa para o estudante um constrangimento e pode fazer com que ele tenha um mau desempenho.

E, portanto, numa estrutura de Gestão orgânica é dada a opção, se pode realizar a prova num outro período ao invés da tarde, a partir daí, o estudante em função da sua agenda de trabalho vai escolher um período que seja favorável para ele.

E, uma coisa que é fundamental na academia e em qualquer subsistema de ensino para o caso concreto, a aprendizagem depende das condições psicológicas que o estudante tiver. Se o estudante estiver desanimado e porque não lhe foi dada a oportunidade de fazer o exame num outro horário, claro que o seu desempenho não vai ser favorável, porque pode se dar o caso de não se preparar. E, quando há flexibilidade da parte de quem dirige o processo, depois de ter comprovado o compromisso que o estudante tem com a entidade empregadora através

de um documento formal que comprove, é dada essa possibilidade. Neste caso, o estudante se sente apoiado; o apoio é uma necessidade emocional e quando ele se apercebe que a instituição compreendeu a sua situação, é claro que o desempenho será favorável porque sente-se aliviado e sem impedimento na sua vida profissional.

Como declara Limas (1993, p.103), a necessidade é cada vez mais enfatizar a componente pessoal numa relação pedagógica (...) só um indivíduo emocionalmente equilibrado poderá assegurar uma relação pedagógica verdadeiramente eficaz.

A relação educativa será abordada não tanto através dos modelos em que assenta e se estrutura, mas através da profunda e submersa intencionalidade educativa, em que decorre o fenómeno auto-organizador da pessoa, que nessa relação vivencia emoções e como as controla.

ANo contexto da comunicação não devemos simplesmente ter em conta os documentos escritos; mas sim, o aperfeiçoamento da oralidade; é preciso que as Instituições educativas desde os quadros da instituição ao pessoal administrativo, e outros agentes educativos que interajam com os estudantes, tenham noções básicas de comunicação e de forma detalhada sobre a tarefa que desempenham; não tendo esta faceta, claro que será difícil transmitir de forma adequada o facto ou realidade de que se pretende.

Com relação ao ponto anterior, pode-se encontrar diante do contexto da comunicação, a verbal e a escrita; por exemplo, diante da comunicação escrita, determinados professores elaboram provas com linguagens às vezes aquém do objectivo da prova, usando termos difíceis que desviam a noção que o estudante tem sobre o assunto; os estudantes não têm de lutar com os termos para perceber o que professor está tentar buscar.

Os instrumentos de avaliação são recursos que se aplicam ao processo de ensino-aprendizagem para acompanhar, diagnosticar, verificar, medir, avaliar a aquisição e o desenvolvimento de competências e habilidades, bem como para avaliar a metodologia, a didáctica, os recursos (entre outros) adoptados pelo professor. O resultado da aplicação do instrumento deve servir também para o professor se auto-avaliar e, se necessário, redireccionar o processo. Diversas são as formas através das quais se pode acompanhar o desenvolvimento das competências e habilidades dos alunos e o trabalho do professor. (Felisbino & Silva, 2022, p. 36).

A prova é diferente de um teste, a prova é o meio pelo qual se verifica se as habilidades previstas para que o estudante desenvolva as competências da

sua saída profissional, estão a ser ou não desenvolvidas. Portanto, a prova é uma medida.

A Prova é um instrumento de avaliação que combina vários formatos de provas escritas. Inicialmente, o professor deve deixar claro para os alunos como será cada uma das fases. A primeira fase se dá na sala de aula, durante um período de tempo pré-estabelecido. O instrumento pode conter um número maior de tarefas, uma vez que é possível resolvê-las em duas fases. O professor então recolhe as provas e realiza a correcção das tarefas e, nesse momento, pode identificar as dificuldades, os erros comuns, além da diversidade de estratégias utilizadas para resolvê-las. (De Lange, 1987, p. 6).

Para tal, o estudante não tem que lutar com os termos diante da prova e que nem se quer foram usadas na aula, nem se quer consta no material de apoio. Entretanto a comunicação para este contexto é fundamental para se conseguir bons resultados. Entretanto, o teste educacional tem outro contexto. Segundo Glaser (1992, p. 4) colocar os testes ao serviço da aprendizagem, devemos promover um ambiente em que os testes sejam medidas daquelas formas da competência humana que são essenciais à aprendizagem futura, em vez de serem meros índices do aproveitamento actual ou passado.

Para Machado(2021, p. 8) os testes constituem um processo de recolha de informação com elevado grau de

formalização e de complexidade no que diz respeito, principalmente, às suas lógicas de construção, modos de administração e processos de restituição, pelo que exigem um conjunto de opções que devem estar de acordo com as finalidades de avaliação pretendidas.

Por outra, há um hábito não muito favorável no contexto dos exames, é o dito esclarecimento de provas ou vulgarmente tirar dúvidas na prova. Neste contexto não é razoável pensar desta maneira esclarecer a prova. Segundo o Dicionário da Língua Portuguesa, acordo ortográfico (2009, p. 639) esclarecer significa tornar claro, compreensível, solucionar, desvendar, etc.

O professor deve ensinar o aluno na construção do novo conhecimento que é o foco do processo ensino-aprendizagem, tornar compreensível, solucionar e desvendar; esta complexidade é feita na sala de aula.

Ainda no contexto da comunicação, relativamente a construção dos instrumentos de avaliação (enunciados da prova) para evitarmos a ideia de que o professor tem de passar nas turmas para esclarecer ou explicar a prova, a direcção da escola deve criar condições de colocar a disposição duas equipas consistentes, formadas em duas áreas fundamentais para a elaboração dos instrumentos de avaliação, dos quais, professores de língua portuguesa e estrangeiras e o outros, formados em ciências pedagógicas.

O grupo de professores formados em Línguas, estes vão de forma cuidadosa analisar o tipo de linguagem que se usa na elaboração dos instrumentos de avaliação, e cujo papel será de proporcionar a consistência teórica e Linguística das questões que se colocam a disposição dos estudantes, olhando para

os objectivos gerais e específicos de cada unidade didáctica, ou seja olhando para a derivação gradual dos objectivos.

A outra equipa formada pelos professores formados em ciências pedagógicas cujo papel é de avaliar a componente pedagógica em relação as questões que se colocam a disposição dos estudantes, e se ela tem ou não o cunho didáctico-pedagógico para aquele nível de aprendizagem que se exige, o processo de ensino-aprendizagem será bem dirigido e organizado.

Portanto, o estudante tem de ver com clareza o que está ser perguntado, para que se tenha também uma resposta clara. Isto é razoável no contexto da comunicação educativa. E, o que espera diante deste processo são os bons resultados.

Um ponto que merece destaque na abordagem das pedagogias emergentes, é quando se fala do uso das novas tecnologias digitais; estas são veículos de disseminação de informações de maneira rápida e que têm democratizado o acesso ao conhecimento e à informação. Entretanto, não se pode desagregar o uso de metodologias activas do uso das tecnologias digitais, as duas estão intimamente relacionadas e se fazem presentes na sala de aula.

Um exemplo bastante popular na actualidade é o ensino híbrido que combina actividades presenciais na sala de aula e actividades online; estas, devem ser realizadas em casa. Outrossim, é a realidade efectiva da sala de aula invertida em que os alunos estudam previamente os conteúdos que foi proposto pelo professor e esse estudo, é intermediado pelas tecnologias digitais ou seja pelas plataformas virtuais e elas sejam igualmente colaborativas. No que respeita as tecnologias Pires e Silva referem que:

Um dos desafios da educação formal com tendência tradicionalista está no perfil de aluno virtualizado. Esse aluno não pertence ao mundo analógico, caminha em um mundo digital repleto de informações, inovações e actualizações tecnológica, que o mantém conectado, enquanto a maioria de nossas escolas ainda vivenciam o conflito de se desvincular de postura e processo de aprendizagem tradicional (Silva e Pires, 2020, p. 4).

Precisamos de inovar, despertar no estudante a acção de aprender, fazer que saia do ser passivo e de ser mero espectador, de forma a conduzi-lo, de maneira que seja construtor do seu próprio conhecimento; aí é que se destacam as pedagogias emergentes.

Um outro dilema que se vive hoje nas instituições de ensino é a atribuição das disciplinas aos professores. Neste contexto o professor que ensina uma

determina disciplina, mais do que ter sido formado naquela área, ele precisa ser alguém com experiencia na área, experiência comprovada. Existem casos em que o estudante se questiona: estou a fazer o curso de Mecânica e a disciplina de Empreendedorismo; me servirá para quê no futuro? Isto é um indicador de que quem está a leccionar a disciplina não está a contextualizar os conhecimentos para aquela saída profissional. Segundo Edgar Morin (2022):

Educar para a era planetária significa que devemos nos questionar para saber se nosso sistema educacional está baseado na separação dos conhecimentos. Conhecimentos estes que as disciplinas separam, e não somente elas as separam, como tampouco comunicam. Nós aprendemos a analisar, a separar, mas não aprendemos a relacionar, a fazer com que as coisas comuniquem. Ou seja, o tecido comum que une os diferentes aspectos dos conhecimentos em cada disciplina se torna completamente invisível. (Morin, 2022, p. 2).

Entretanto, o estudante Universitário ou do Ensino Médio, tem características próprias, diferentes do estudante do 1º Cíclo, que vão pra a sala de aulas e acredita tudo do professor em termos gerais, já pra os estudantes dos subsistemas mais a cima têm planos de estudos específicos e vai medindo o seu progresso em função do curso que ele escolheu.

Entretanto, o estudante não se envolve não se sente motivado, se achar que o que lhe está ser dado não faz sentido, então diante deste fenómeno, é claro que não se espera bons resultados. E, quem ensina uma determinada disciplina, seja qual for o curso ele tem de contextualizar os conhecimentos, dizer ao aluno aplicação prática daquele conhecimento, e se for possível, olhando para os recursos que a instituição dispõe, mostrar ao aluno aquele conhecimento com a prática.

É importante que o professor ensine aquilo que sabe fazer; não se pode ensinar uma disciplina só porque lhe foi ensinado na licenciatura, mestrado ou doutoramento. O desafio que a investigação coloca a disposição, a

seguinte: quem é o professor? Aquele que dá aula?

Professor é aquele que pode ensinar alguma coisa; e dar aulas não é necessariamente ensinar. Segundo Moran (2015), toda aprendizagem é activa em algum grau, pois é necessária certa movimentação interna e externa, motivação, selecção, interpretação, comparação, avaliação e aplicação, tanto por parte do docente quanto pelo discente.

Fica-se com a impressão que ensinar é falar, o professor chega na sala de aulas fala e prontos, ensinou. Ensinar não é falar, falar faz parte. Mas Ensinar é criar condições para que o estudante possa desenvolver habilidades, e não é por causa de falar para os estudantes que por exemplo num triângulo retângulo o quadrado da Hipotenusa é igual a soma do quadrado dos catetos. Não é por anunciar este teorema que eu ensinei e não é por que o estudante ouviu o teorema que ele terá aprendido; o professor é mediador do processo de ensino-aprendizagem e não mero transmissor de conhecimentos. Segundo Moran:

As metodologias precisam acompanhar os objectivos pretendidos. Se queremos que os alunos sejam proativos, precisamos adoptar metodologias em que os alunos se envolvam em actividades cada vez mais complexas, em que tenham que tomar decisões e avaliar os resultados, com apoio de materiais relevantes. Se queremos que sejam criativos, eles precisam experimentar inúmeras novas possibilidades de mostrar sua iniciativa. (Moran, 2015, p. 1).

Ensinar é preciso criar condições para que ele possa aplicar, porém, não é possível aprender sem actividade e, portanto, para o estudante do ensino Médio ou Superior; tudo que o estudante aprende deve se reflectir na sua vida futura; e actividade

sem reflexão não se concebe neste domínio, o estudante tem de exercitar para ganhar hábito, habilidades e posteriormente ganhar destreza. No que respeita a aprendizagem, Moran refere que:

A aprendizagem é mais significativa quando motivamos os alunos, quando estes alunos encontram sentido na actividade que foi proposta, quando se engajam em projectos em que podem trazer suas contribuições de forma activa. O despertar dessas características nos estudantes são passíveis hoje com o uso da metodologia activa correcta, que seja compatível com o objectivo que deseja alcançar.(Moran , 2015, p. 17).

E, outro desafio que se coloca também a disposição tanto para o professor quanto para o aluno, o aluno tem de ler o conteúdo antes de ir para sala de aula, saber relacionar comparar, sublinhar etc; tal como o professor faz, preparar a aula antes de ir para turma.

Para Freire (1997, p. 32) “Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino”. Em outras palavras, enquanto ocorre o ensino, as indagações e as constatações se fundem com a necessidade de investigar, de buscar mais e mais “verdades”, constituídas no processo dialético da tese-antítese e síntese.

E muitas das vezes nos questionamos que o processo de ensino aprendizagem é fraco, mas fraco em que contexto? Quais

são os indicadores que se usaram para tal afirmação?

O professor tem de identificar com clareza as debilidades dos seus estudantes, só assim deverá se criar recursos didácticos para poder inverter o quadro.

Uma instituição educativa, no contexto da gestão da qualidade deve apostar no Modelo de Gestão Orgânica, em que tudo tem de ser analisado, nada é fixo as coisas dependem do contexto, as decisões tomadas devem ser consistentes com o contexto e não porque está previsto no regulamento ou que devem se cumprir. Se a circunstância exigir mudança deve haver flexibilidade; faz parte da gestão da qualidade educativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A dinâmica e a eficiência nas instituições educativas pode ser conseguida mediante processos de gestão orientados para a busca da qualidade, o que exige planeamento, execução e avaliação das acções em domínios prioritários. E, portanto, a nível da gestão, os indicadores da qualidade no contexto dos professores nos subsistemas de ensino Superior e médio, que queiram promover a qualidade, são determinados por áreas de conhecimento.

É necessário que os professores tenham pleno domínio e experiência comprovada sob a disciplina, saber o que se deve fazer para que o estudante possa ganhar habilidade, para corresponder de forma consistente às habilidades que estão previstas na sua saída profissional. E, portanto, tem conhecimento porque nem todas as disciplinas são dadas da mesma maneira. Outro indicador de gestão a nível dos professores, é que investiguem o que fazem, investiguem o que ensinam e a nível dos estudantes, o indicador de qualidade será o envolvimento dos agentes educativos daquela instituição a promoverem a cultura da leitura. Não é possível desenvolver habilidades intelectuais sem a leitura.

Portanto, no contexto da comunicação deve haver flexibilidade nas decisões que se tomam. Outrossim, a construção dos instrumentos de avaliação que se colocam a disposição do aluno devem ser consistentes, do ponto de vista linguístico e didáctico-pedagógico; deste modo, estaremos a facilitar o processo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

RDe Lanje, J. (1987). Mathematics, Insight and Meaning. Utrecht: OW & OC.

Dicionário. (2009). Dicionário da Língua Portuguesa. Acordo Ortográfico: Dicionários Editora.

Felisbino, A., & Silva, R. M. (21 de Junho de 2022). procedimentos e instrumentos de avaliação. Obtido de researchgate.net: t: <https://www.researchgate.net/publication/270876067>

Glaser, R. (1990). Toward new models for assessment. International Journal of Educational Research.

Limas, C., & RAFAEL, M. A. (1993). Dimensão Pessoa e interpessoal na Formação, Associação CIDinE. Aveiro.

Machado, E. A. (2021). Para uma abordagem pedagógica dos testes.

Moran, J. (2015). Metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda. Disponível em < http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/metodologias_moran1.pdf > Acesso em 16 de Agosto. 2022.

Morin, E. (21 de Junho de 2022). Educação planetária: conferência na Universidade São Marcos. Brasil, 2005. Obtido de edgarmorin.org.br: Disponível em: <http://edgarmorin.org.br/textos.php?tx=30>



MWANA PWG EDITORA

